

**A QUESTÃO DA MULHER: UMA CONTRAPOSIÇÃO ENTRE O OCIDENTE E O
ORIENTE EM PERSÉPOLIS**

Alexandra Peixoto Viana

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

RESUMO

Persépolis é uma série escrita por Marjane Satrapi, conhecida como a primeira iraniana a publicar histórias em quadrinhos. É uma autobiografia que traz diversas questões sociais e históricas, dentre as quais se destacam a religião, as guerras no Irã, o comunismo, a juventude e a mulher. A autora passa por situações extremamente difíceis e tocantes, como a execução de um tio por motivos políticos, o cenário da guerra e sua mudança solitária para a Áustria. Nos anos passados em Viena, Satrapi teve contato com o mundo ocidental de uma forma que a impressionou e assustou. Nosso objetivo é discutir a contraposição gritante que Satrapi observa entre as mulheres iranianas e as ocidentais, que estabelece, nas iranianas, um sentimento contraditório de admiração e preconceito. O modo como lidam com o sexo, roupas, drogas e relacionamentos amorosos é extremamente distinto e causam na autora momentos de grande aflição. Muitas vezes ela foi vista, aos olhos dos ocidentais, de maneira negativa tanto pela nacionalidade quanto pelas crenças. Nesse esteio, é impossível discutir o tema sem falar de preconceito religioso e xenofobia. Para tratar dessas questões, basearemos nosso trabalho no método dialético, analisando a trajetória, o processo histórico, social e cultural vivido e contado por Satrapi, para analisar as diferenças entre as mulheres ocidentais e orientais expostas por ela. Ademais, a base teórica utilizada será o materialismo histórico, uma vez que essa concepção vincula, de forma conceitual e explicativa, as relações sociais concretas – que, nesse caso, são especialmente as relações entre homens e mulheres e entre mulheres de culturas diferentes – e as formas de consciência estabelecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Irã; Ocidente.

O objetivo do presente artigo é discutir a contraposição observada por Marjane Satrapi, em sua história em quadrinhos *Persépolis*, entre as mulheres iranianas e as ocidentais. Para isso, lançaremos mão da descrição e discussão dos quadrinhos em que se evidencia essa problemática, utilizando do método dialético (MARX, 2008) para realizar a análise.

Iniciaremos com uma breve introdução sobre quem é Satrapi e o conteúdo de *Persépolis*, para, depois, tratar da questão das vestimentas – discutindo o uso do véu –

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

demarcar a contraposição entre o Oriente e o Ocidente e relacionar o conceito de inconsciente coletivo com a visão feminina iraniana. Tudo isso envolve discutir, também, as diferenças culturais, religiosas e sociais dos países frequentados pela autora. Por fim, trataremos da relação entre homens e mulheres e concluiremos o trabalho.

A TRAJETÓRIA DE MARJANE SATRAPI

A célebre série *Persépolis* é uma autobiografia de Marjane Satrapi, conhecida como a primeira iraniana a publicar histórias em quadrinhos. Satrapi nasceu em 1969, em Teerã, e narra, nessa série, suas experiências durante a infância, adolescência e início da vida adulta. Ela mostra que viveu em um período de crescente repressão das liberdades civis no Irã, com a queda do Xá, o regime inicial de Ruhollah Khomeini e os primeiros anos da Guerra Irã-Iraque. Aos 10 anos, foi obrigada a usar o véu e separaram os meninos e as meninas em escolas diferentes.

Aos 14 anos, Satrapi conta que foi mandada para Viena, na Áustria, por seus pais, para fugir da guerra e evitar a repressão, já que era uma adolescente bastante questionadora e entrava em conflito com as professoras da escola. Permaneceu em Viena durante o ensino médio, morando na casa de amigos, em pensionatos e repúblicas estudantis, até ficar desabrigada e morar nas ruas. Então, retornou ao Irã, onde passou por uma forte depressão e tentou suicídio. Depois do ocorrido, mudou os hábitos e se reestabeleceu. Estudou Comunicação Visual em Teerã e mudou-se para Estrasburgo, na França, após se divorciar do homem com quem casou no Irã. Ela vive atualmente em Paris, onde trabalha como ilustradora, autora de livros infantis e diretora de cinema.

O VÉU

Em 1980, torna-se obrigatório o uso do véu, artigo sem sentido para Satrapi e suas colegas aos 10 anos de idade. É interessante discutir sobre este acessório como forma de

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

opressão, embora o assunto seja controverso. Nos quadrinhos, o descontentamento com o véu é claro, vide a figura 1.



Figura 1 – O uso obrigatório do véu.

Fonte: SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Em “Women should have a choice over hijab”, Satrapi (2003) diz que as mulheres devem ter a liberdade de usá-lo nas escolas públicas da França, que quer proibi-lo. No texto, o posicionamento continua o mesmo: forçar mulheres a usarem o véu é um ato de violência. Da mesma forma, proibir o uso também é, mesmo que as meninas usem porque os pais as obrigam – se os pais as obrigam a usar o véu na escola, eles certamente as tirariam da escola e as casariam com algum primo aos 15 anos, argumenta Satrapi.

Logo, a proibição não soluciona o problema, não emancipa as meninas. Para ela, a solução seria educá-las, estimular a leitura do Alcorão¹, para que percebam que a interpretação feita pelos homens (de que as mulheres devem usar o véu) é apenas uma das interpretações possíveis. Para a autora, na França, deve-se discutir a religião, e não banir símbolos.

Em suma, o véu é uma forma de opressão quando seu uso é obrigatório. Claro que um pedaço de tecido em si não poderia ser opressivo, só o é mediante os constrangimentos e penas que implicariam não o usar, no Irã, ou o usar, na França. Assim, o discurso de

¹ Existem movimentos feministas islâmicos que apoiam uma leitura do Alcorão que recupere a ideia de ummah (comunidade muçulmana) como um espaço compartilhado entre homens e mulheres. Para isso, utiliza “práticas de ijtihad (livre interpretação das fontes religiosas) e da formulação analítico-discursiva de busca pela justiça e pela emancipação das mulheres, que seriam expostas nas releituras dos textos sagrados numa perspectiva feminista. A espinha dorsal dessa metodologia é a prática do tafsir (comentários sobre o Alcorão)” (LIMA, 2014).

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

algumas feministas, que afirmam que o uso do véu não é uma forma de opressão, geralmente peca ao não perceber, e discutir, o caráter coercitivo do uso.

OCIDENTE E ORIENTE

Vale ressaltar que o Oriente a que nos referimos aqui é o Oriente retratado nos quadrinhos, ou seja, focado no Irã, no período em que se passa a história de Satrapi. Não seria possível desenvolver mais do que isso somente a partir dos quadrinhos e sem fazer uma grande pesquisa histórica de todo o Oriente. Ademais, no Irã, a fonte principal da análise também se concentra nos fatos narrados em *Persépolis*.

Nas palavras da própria Satrapi:

Sou uma pessoa que nasceu em um certo lugar, em um certo tempo, e posso não ter certeza de muitas coisas, mas tenho certeza do que eu vivi. Eu sei disso. E foi algo muito pessoal – algo muito pequeno, que foi importante. Assim que você começa a falar sobre uma nação, o que é uma nação? Digo, todos os britânicos são os mesmos? Claro que não. [...] Então uma pessoa com que você – o leitor – pode se identificar; uma nação com a qual você não se identifica (SATRAPI, 2016).

Da mesma forma, o Ocidente referido não intenciona ser uma mera generalização, mas busca captar o que é hegemônico em todo o Ocidente e, principalmente, o que Satrapi observou durante sua estadia em Viena. Esclarecidos esses termos, passemos à comparação propriamente dita.

A comparação entre Ocidente e Oriente é uma comparação entre duas sociedades capitalistas com culturas distintas. Na cultura ocidental, o capitalismo se desenvolve primeiro, e, através de um conjunto de determinações, realiza uma modernização mais rápida e racionalizada. Ocorre, a partir de 1960, uma série de mudanças culturais e comportamentais. A emergência da juventude e sua transformação em mercado consumidor (com o rock, o jeans, o movimento hippie, o chiclete, os anticoncepcionais, o cigarro, etc.),

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

geraram a chamada “revolução sexual”, a qual contrasta bastante com a valorização da virgindade e do casamento no Irã. Os quadrinhos a seguir mostram a surpresa de Satrapi com a naturalidade que Julie, amiga que a hospedou por um tempo, em Viena, falava sobre múltiplos parceiros sexuais e sobre o sexo em si.



Figura 2 – A “revolução sexual” do Ocidente.

Fonte: SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O Irã, pelos vários desdobramentos históricos supracitados, como a repressão e o fanatismo religioso de líderes e civis, mantém uma cultura contrária, em muitos aspectos, à ocidental. No entanto, *Persépolis* deixa claro que o Irã não possui uma cultura homogênea e que envolve, além do fundamentalismo religioso, resistência das mais variadas formas, esquerdismo, mercado negro, festas clandestinas e uma viva vida privada.

No início da adolescência, quando vivia no Irã com os pais, Satrapi idolatrava o Ocidente e seus símbolos – o punk, as roupas, os cantores e a “modernidade”. Os itens ocidentais eram proibidos no país, para obtê-los era necessário buscar o mercado negro,

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

onde ela comprava fitas, ou trazer da Europa – a mãe precisou costurar pôsteres no sobretudo do pai, para presentear Satrapi sem ser barrada no aeroporto ao retornar do exterior.

Contudo, nos anos vividos em Viena, Satrapi teve contato com o mundo ocidental de uma forma que a assustou, o que fez essa admiração ir diminuindo. Mesmo assim, Satrapi acabou incorporando trejeitos e costumes ocidentais, como veremos adiante.

Quanto mais entrava em contato com o mundo ocidental, mais a autora se decepcionava. A relação dos jovens com as drogas, o sexo, e a própria juventude, eram muito diferentes do que fantasiava aos 14 anos. O Ocidente se mostrou um pouco decadente – e ela percebeu que as mulheres não eram tão livres assim: “A mulher que é forçada a usar o véu e a mulher que é retratada nua para vender de tudo, desde pneus de carro a sucos de laranja, estão ambas enfrentando uma forma de opressão” (SATRAPI, 2003).

Ao retornar ao Irã e entrar em contato com suas antigas amigas, percebe a mesma idealização que ela tinha antes de se mudar para Viena. Para ela, o ato de se maquiarem e desejarem viver à moda ocidental era um ato de resistência à opressão do fanatismo religioso, como podemos observar na figura 3.



Figura 3 – Moda ocidental no Irã.

Fonte: SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Mas, embora elas expressassem essa admiração pelo Ocidente, não deixavam os valores para trás. Muitas vezes Satrapi foi vista, aos olhos dos ocidentais, de maneira negativa, tanto pela nacionalidade quanto pela religião. E, ao retornar, também é julgada como “ocidental decadente” no Irã. Esse é um dos fatores que a deprimem, a sensação de não pertencimento.

Vemos, na figura 4, o olhar preconceituoso das amigas iranianas, que se contradizem com a admiração da figura anterior. Ao mesmo tempo que desejavam poder usar as roupas e maquiagens das atrizes hollywoodianas, frequentar boates e falar de sexo, não conseguiam se desfazer dos valores da própria esfera social, derivados dos ensinamentos religiosos. E isso é nítido pela reação, ainda na figura 4, ao ouvirem que Satrapi já havia se envolvido sexualmente com mais de um homem.

Nesse esteio, utilizaremos o conceito de inconsciente coletivo (VIANA, 2002), caracterizado pelo conjunto de necessidades reprimidas em comum nos membros de determinado grupo social. No caso específico de *Persépolis*, tratamos do inconsciente coletivo feminino iraniano para entender como a repressão social e religiosa pode gerar esses valores contraditórios: por um lado, elas apresentam o desejo de serem “livres”, como julgam ser as ocidentais – desejo do inconsciente coletivo feminino – e, por outro, o repúdio à libertação sexual, uso de drogas e outros aspectos, provocado pela presença das representações cotidianas (senso comum) e religião, marcados na consciência no processo de socialização.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP



Figura 4 – Valores e preconceito.

Fonte: SATRAPPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

A OPRESSÃO DA MULHER

Nos resta discorrer sobre a relação das mulheres com os homens em ambos países – retratadas em algumas passagens com cenas de pesados insultos vindos de iranianos tradicionalistas à mãe de Satrapi ou da traição de um namorado em Viena. Embora os quadrinhos não mobilizem grande escopo de análise dessa questão, julgamos necessária a discussão.

É importante, antes de tudo, não desligar a relação entre homem e mulher das outras relações sociais. Como afirma Viana (2006):

A opressão é uma relação social de repressão, onde o oprimido se vê impossibilitado de efetivar um conjunto de atividades. Desta forma, aqui se encontra uma repressão que é ao mesmo tempo uma coerção: o oprimido ao se ver impossibilitado de efetivar determinadas atividades devido a repressão passa a ser coagido a realizar outras atividades. A opressão não ocorre, porém, sem nenhum motivo. A opressão existe para

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

manter a dominação de classe. É por isto que a opressão das mulheres (e não só das mulheres, como também das crianças e de outros segmentos sociais) surge com as sociedades classistas (VIANA, 2006).

Assim, a questão do assédio sexual sofrido pela mãe de Satrapi, dos estupros a mulheres que seriam executadas (pois não poderiam ser executadas virgens, de acordo com as crenças religiosas), entre outras, são resultado da opressão da mulher nas sociedades classistas. Essa opressão pode ocorrer em maior ou menor grau, a depender da sociedade. No caso iraniano, as mulheres, pelo menos no período retratado em *Persépolis*, sofriam uma opressão significativamente maior que as mulheres de países ocidentais. O principal fator de manutenção dessa opressão, expressa, inclusive, na obrigatoriedade do uso do véu, é a justificativa religiosa.

Contudo, sabemos que não é tão diferente no Ocidente. As mulheres sentem-se coagidas a realizar todo tipo de procedimento invasivo, desde depilação a cirurgias plásticas, e as taxas de estupro são altíssimas em vários países, bem como as de assédio sexual. Partimos, portanto, do pressuposto que as relações de dominação nessa sociedade só podem ser suprimidas se suprimidas as relações de dominação de classe, ou seja, com o fim das classes sociais. Em uma sociedade autogerida deixam de existir as hierarquias, e os valores são radicalmente transformados.

CONCLUSÃO

A partir da análise da trajetória contada por Satrapi, podemos concluir que as mulheres iranianas e as mulheres ocidentais possuem enormes diferenças quanto à relação com o corpo, sexo, roupas e drogas. Para as iranianas, o sexo é um grande tabu, e as drogas não são nada presentes no cotidiano – ao contrário do Ocidente, em que a juventude foi rotulada com o lema “sexo, drogas e rock’n’roll”, na década de 1980.

Isso é explicado pelos desdobramentos histórico-sociais de cada local. No caso do Irã, a religião e a cultura são fortes elementos que explicam o tradicionalismo, o

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

preconceito e o constrangimento em torno da sexualidade. Por outro lado, no Ocidente, o avanço do capitalismo e, com ele, as transformações culturais através do desenvolvimento da Indústria Cultural (ADORNO, 1986), por exemplo, explicam a maior abertura e liberdade em relação ao sexo, às drogas etc.

Podemos dizer, ainda, que a obra *Persépolis* transmite determinadas mensagens, dentre as quais buscamos destacar a questão da mulher. Ao repassar mensagens de defesa da independência feminina, da visão das iranianas sobre as ocidentais e vice-versa ou, até mesmo, sobre a questão da saúde mental (depressão e suicídio), Satrapi repassa, também, valores, sentimentos e concepções (VIANA, 2008), que buscamos desenvolver no decorrer do artigo. Dentre eles, destacam-se os valores que aspiram por liberdade e igualdade entre os sexos, o sentimento de não pertencimento, entre outros.

No final da história, o que Satrapi ainda admirava no Ocidente, e que a fez deixar definitivamente o Irã, era a maior liberdade feminina, a possibilidade de demonstrar afeto em público sem ser casada, a maior autonomia na universidade e na arte, etc. Por isso, ela critica as imposições da religião e do tradicionalismo, que podam muitas das potencialidades que poderiam ser desenvolvidas pelas mulheres iranianas, as afastam dos estudos e de um maior sentimento de auto realização. Contudo, concluímos que a suposta liberdade feminina no Ocidente não é tão autêntica assim, como reconhece Satrapi ao falar das propagandas com o corpo feminino, e que seria necessária uma transformação radical das relações em ambos os lados do mundo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: **Sociologia**. Gabriel Cohn (org.); Florestan Fernandes (coord.). São Paulo: Ática, 1986.

LIMA, Cila. Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico. **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, n. 2: mai/ago, 2014.

MARX, Karl. O método da Economia Política. In: **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008, p. 257 a 268.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

SATRAPI, Marjane. Entrevista sobre Persépolis. **Vogue**: 01 ago. 2016. Entrevista concedida a Emma Watson. Disponível em: < <https://www.vogue.com/article/emma-watson-interviews-marjane-satrapi> >. Acesso em: 06 dez. 2018.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SATRAPI, Marjane. **Women should have a choice over hijab**. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2003/dec/12/gender.uk> > Acesso em: 17 set. 2018.

VIANA, Nildo. **Inconsciente coletivo e materialismo histórico**. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

VIANA, Nildo (org.). **A Questão da Mulher**. Trabalho, Opressão e Violência. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

VIANA, Nildo. O que dizem os quadrinhos? **Sociologia, Ciência & Vida**, v.17, p. 53-62, 2008.